



***Fratelli tutti*: uma Encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes**

Fratelli tutti: a renewing Encyclical on new and urgent things

João Décio Passos *

Resumo

O artigo interroga sobre os avanços dos ensinamentos sociais presentes na última Encíclica social do Papa Francisco. A *Doutrina Social da Igreja* caracteriza-se pela sintonia com a realidade presente e, por conseguinte, pela atualização permanente de seus ensinamentos. A nova Encíclica dá continuidade a essa postura e oferece um desfecho ao magistério social de Francisco e ao próprio magistério social católico. *Fratelli tutti* forma um par coerente com a Encíclica *Laudato Si'* ao oferecer um diagnóstico político da realidade global e indicar saídas possíveis da crise planetária. O clássico método ver-julga-agir estrutura o conjunto do texto. Os ensinamentos avançam na crítica do regime que rege o planeta centrado no isolamento, na proposição de uma nova forma de gestão planetária que resgate os valores da modernidade e do evangelho e adota o diálogo com as diferenças como regra e método. Dentre os caminhos de diálogo, o inter-religioso é indicado como essencial, onde o Papa oferece uma inédita fundamentação teológica das diferenças culturais e religiosas.

Palavras-chave: Amor. Doutrina Social da Igreja. Encíclica. Fraternidade. Papa Francisco. Política.

Abstract

The article asks about the advances in social teachings present in Pope Francis' recent social encyclical. The Social Doctrine of the Church is characterized by being in tune with the present reality and, consequently, by the permanent updating of its teachings. The new Encyclical continues this stance and offers a conclusion to Francis' social magisterium and to Catholic social teaching itself. *Fratelli tutti* forms a coherent pair with *Laudato Si'* in offering a political diagnosis of the global reality and indicating possible ways out of the planetary crisis. The classic see-judge-act method structures the whole text. The teachings advance in the critique of the regime that governs the planet centered on isolation, in the proposal of a new form of planetary management that rescues the values of modernity and the gospel, and adopts dialogue with differences as a rule and method. Among the paths of dialogue, interreligious dialogue is indicated as essential, where the Pope offers an unprecedented theological foundation of cultural and religious differences.

Keywords: Love. Church Social Doctrine. Encyclical. Fraternity. Pope Francis. Politics.

Artigo submetido em 7 de outubro de 2021 e aprovado em 16 de dezembro de 2021.

* Doutor em Ciências Sociais. Livre Docência pela PUC São Paulo. País de origem: Brasil. E-mail: jdpassos@puccsp.br

Introdução

O Papa Francisco ofereceu mais um parâmetro de discernimento e de ação sobre a realidade atual, dando mais um passo na tradição de ensinamentos sociais da igreja católica. Com posicionamentos diretos, linguagem clara e tom profético expõe as exigências da fraternidade humana universal em tempos de crise planetária. *Fratelli tutti* chega em plena pandemia do novo coronavírus, quando a humanidade experimenta as possibilidades e, sobretudo, os limites da vida planetária comum. Para quem segue de perto o magistério do Papa dos pobres nenhuma surpresa em suas orientações e diretrizes: as mesmas contundência e franqueza, o realismo e a criticidade de sempre e a comunicação clara expressa no método ver-julgar-agir e na linguagem pastoral.

Francisco encarna em sua pessoa o magistério social. Antes de seus ensinamentos discursivos, comunica com gestos inéditos, impactantes e coerentes que rompem com as regularidades tradicionais e as inércias burocráticas comuns no centro de comando da igreja católica. *A igreja em saída* na direção do outro (*Evangelii gaudium*, 20-24), inverte o método usual dos ensinamentos oficiais do magistério, na medida em que assume o outro como ponto de partida do diálogo e, nesse epicentro, pratica a empatia e o acolhimento e pensa os conceitos e a própria doutrina. Nesse sentido, a presente Encíclica é verdadeiramente emblemática. É a partir do outro excluído do regime econômico, do outro renegado pelas políticas nacionalistas e do outro religioso, considerado antagonista do ocidente cristão, que as reflexões são construídas e vão tomando forma nos oito capítulos do documento.

É de dentro dessa inversão metodológica que Francisco tem ensinado com gestos e palavras e causado escândalo para aqueles de mente fixa que se agarram às autorreferencialidades eclesial, social e política como territórios seguros e murados de identidades e verdades. A Doutrina Social da Igreja (DSI) é por definição um ensinamento renovador e que se renova permanentemente, tendo em vista seu vínculo com as realidades presentes. O Papa Francisco pratica regularmente esse método em seus ensinamentos de modo emblemático. Não cessa de renovar as visões e as práticas, estabelecendo uma circularidade hermenêutica radical entre as fontes da fé – o coração do Evangelho – e os dados

da realidade presente. A Encíclica *Fratelli tutti*, segunda no gênero de ensinamento social, confirma e avança os ensinamentos da anterior, a *Laudato si'*. O novo foco, a fraternidade e a amizade social, cobra o realismo histórico dessas categorias nos tempos atuais cada vez mais marcados pelos isolamentos individuais e nacionais.

1. A Encíclica social *Fratelli tutti*

A DSI caracteriza-se pela continuidade e pela renovação, explica o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja – CDSI - 85*, reafirmando os ensinamentos de João Paulo II na Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, 3. Se, por um lado, seu fundamento vem das fontes cristãs, por outro, ao voltar-se para a história e deixar-se interpelar pelos eventos que aí se dão, “manifesta a capacidade de continua renovação”, de forma que, não obstante a firmeza dos princípios, não se trata de um sistema fechado, “rígido ou inerte”, mas de um “magistério capaz de abrir-se às coisas novas”. As Encíclicas sociais compõem, dessa maneira, um patrimônio que se renova preservando o essencial, bem como reinterpretando o essencial em cada contexto histórico. Com efeito, não é do mero intuito de preservar uma espécie de essencial fixo que se pode entender a longa temporalidade dos ensinamentos sociais sobre as coisas novas, desde de 1891, mas, precisamente, do esforço de renovar o ensinamento cristão sobre a vida social. Cada texto dessa natureza tem sua razão de ser vinculada ao contexto em que se insere, do contrário teria feito a história de mais de cem anos com sucessivos documentos. É a circularidade hermenêutica entre fontes e realidade e entre tradição e contemporaneidade que compõe o corpo da doutrina social que se expande e aprofunda no decorrer do tempo.

A Encíclica *Fratelli tutti* oferece uma palavra atual sobre os princípios cristãos da convivência humana nos tempos de mundo definitivamente globalizado e marcado por imensos desafios para a convivência humana. As coisas novas são mais uma vez colocadas perante os valores do Evangelho e, dessa implicação mútua, os ensinamentos papais se elevam com grande potencial de discernimento do tempo presente. O Papa Francisco avança nesse discernimento com a originalidade que lhe é própria. Para o especialista italiano Bartolomeo

Sorge, Francisco inaugura, de fato, uma nova fase nos ensinamentos sociais da igreja católica, fase “revolucionária”, segundo define (SORGE, 2018).

Se, desde Leão XIII, os Papas retornaram às temáticas sociais sentindo-se cada qual desafiado pelo contexto presente e oferecendo princípios, critérios e diretrizes (CDSI, 7), Francisco dá continuidade a essa postura com suas peculiaridades pessoais e eclesiais. A fase revolucionária desse ensino só pode, de fato, brotar da figura revolucionária de quem programaticamente se denominou Francisco. De fato, a perspectiva franciscana, de Papa do fim do mundo carrega consigo o olhar de quem vivenciou a realidade histórico-social de sul do mundo, terra colonizada, periferia do regime econômico etc. Mas também de religioso e bispo que vivenciou a igreja comprometida com os pobres na América Latina (SCANNONE, 2019). Nesse sentido, Francisco proporciona uma convergência entre a tradição eclesial latino-americana expressa na teologia e no magistério ali formulados com a tradição da DSI, elaborando, desde então, uma espécie de síntese de ensinamentos sociais que atravessam, em grande medida, todos os seus ensinamentos. A Encíclica *Fratelli tutti* é mais uma síntese elaborada nessa convergência renovadora, tendo como foco a problemática política da fraternidade universal-planetária.

2. O magistério social do Papa Francisco

A nova Encíclica dá mais um passo no edifício de mais de um século da DSI e sistematiza mais uma temática já exposta em momentos e contextos diferentes pelo Papa Francisco. Ele próprio expressa essa intencionalidade quando diz que:

As questões relacionadas com a fraternidade e a amizade social sempre estiveram entre as minhas preocupações. A elas me referi repetidamente nos últimos anos e em vários lugares. Nesta encíclica, quis reunir muitas dessas intervenções, situando-as num contexto mais amplo de reflexão (FT 5).

Pode-se dizer que o magistério social é o clima, o rumo e o método dos ensinamentos de Francisco. Desde que assumiu o pontificado as temáticas sociais – da empatia, da solidariedade, da misericórdia, dos pobres, do outro etc. – estiveram presentes em seus discursos e, permanentemente, em suas posturas como um dado central da própria tradição cristã.

A Exortação programática *Evangelii gaudium* é emblemática a esse respeito. Embora não se apresente como documento de ensino social, oferece os pressupostos e rumos dos ensinamentos posteriores referentes às questões sociais. Ali Francisco já oferece:

- a) uma fundamentação teológica do social;
- b) um discernimento crítico da realidade presente;
- c) uma conclamação a todos à opção pelos pobres e,
- d) critérios metodológicos de discernimento da realidade.

A “igreja em saída” assumida então como postura, método e meta constitui a categoria eclesiológica de uma missão em que o social se mostra como inerente. A igreja tem suas raízes e seu prumo no “coração do evangelho”, onde se encontram o mistério de sua origem cristológica e a realidade dos pobres; no coração do evangelho encontramos Cristo e os pobres. A “mãe de portas abertas” deve antes de tudo acolher quem “ficou à beira do caminho” (EG 46). O capítulo IV oferece uma síntese da raiz teológica da questão social (A dimensão social da evangelização). Essa raiz vem do *querigma*: “no próprio coração do Evangelho aparecem, a vida comunitária e o compromisso com os outros” (FT 177). A esperança cristã que “procura o Reino escatológico, gera sempre história” (FT 181). A fé não é um ato individual isolado nas intimidades e nas comodidades. Ao contrário “comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (FT 183).

A crítica social de Francisco é contundente. No capítulo II, ao expor “alguns desafios do mundo atual” pronuncia quatro “nãos” (FT 53-60) que romperam com qualquer posição conciliatória da fé cristã com o regime econômico dominante: 1º Não a uma economia de exclusão (ao regime econômico que mata); 2º Não à nova idolatria do dinheiro (o dinheiro se tornou uma divindade, o mercado reafirma sua falsa autonomia e nega a vida aos seres humanos); 3º Não ao dinheiro que governa em vez de servir (dinheiro que recusa a ética e recusa Deus); 4º Não a igualdade social que gera violência (regime gera exclusão que gera violência). No capítulo IV aponta as causas estruturais da pobreza, reafirma a função social da propriedade, apresenta a opção pelos pobres

como um imperativo que “nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar” (FT 194), apresenta o lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus, fala do dever da igreja de cuidar dos fragilizados, da distribuição de renda e do bem comum e da paz social.

Além dessa pauta que recupera e aprofunda de modo claro e direto elementos da DSI já contidos em ensinamentos anteriores, Francisco oferece quatros princípios de discernimentos que, desde então, serão retomados em outros documentos de seu Magistério: o tempo é superior ao espaço, a unidade prevalece sobre o conflito, a realidade é mais importante do que a ideia, o todo é superior à parte (FT 222-237).

Pode-se dizer que nessas passagens Francisco inaugura seus ensinamentos sociais em termos de princípios e métodos, dando a direção que orientará outros documentos e será corroborada em gestos e atitudes perante situações de vulnerabilidade, conjunturas políticas e opções pastorais de seu ministério como bispo de Roma.

3. Da *Laudato si'* à *Fratelli tutti*

A referência franciscana constitui a fonte das duas Encíclicas sociais. É ao santo pobre de Assis que mais uma vez Francisco recorre como inspiração para seu ensinamento e empresta o próprio nome da Encíclica. A fonte é mais mística do que teórica e, talvez precisamente por essa razão, constitua uma referência fecunda e vigorosa para pensar e discernir a realidade presente.

Este Santo do amor fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a encíclica *Laudato si'*, volta a inspirar-me para dedicar esta nova encíclica à fraternidade e à amizade social. Com efeito, São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos (FT 2).

A fraternidade cósmica e a fraternidade social são duas dimensões da mesma postura do amor que deve ultrapassar todos os limites e construir modos de viver que inclua a todos sem distinção. A mesma inspiração e o mesmo contexto que exige discernimento: a vida globalizada em todos os aspectos e com graves contradições. A regra da fraternidade constitui o princípio, o critério e a

diretriz dos ensinamentos de ambas as Encíclicas. Todos os seres estão interligados na mesma terra-mãe e devem buscar os meios de vivenciar essa igualdade. As duas Encíclicas convergem em alguns pontos fundamentais:

- a) a perspectiva global que foca na vida planetária e reclama por uma nova postura ética, econômica e política de todos;
- b) a crítica direta ao regime econômico vigente que impõe sua regra geral em detrimento dos limites da natureza, das autonomias locais e das necessidades elementares da humanidade;
- c) a urgência de uma gestão global do planeta interconectado que considere o conjunto da vida e os mais vulneráveis;
- d) o princípio de que o todo é superior às partes e a unidade é superior ao conflito que permite colocar as diferenças em diálogo na busca da vida comum.

Entre os dois Documentos, distanciados por seis anos, se interpõem fatos e declarações que, por certo, conduzem o pensamento papal para um novo patamar e para as questões da nova Encíclica, para um “contexto mais amplo de reflexão”, explica no parágrafo 5. A *Laudato si'* produziu frutos concretos, na medida em que foi sendo recepcionada. O Sínodo para a Amazônia foi certamente o mais concreto deles no ambiente eclesial, quando, não somente a causa ecológica veio à tona como causa da igreja universal, mas, também pelo fato do princípio estruturante da “ecologia integral” avançar para o âmbito de uma teologia da cultura e de uma teologia da igreja. Pensar as coisas em chave ecoteológica leva, de fato, a reflexões sobre temáticas delimitadas da tradição católica (*Querida Amazônia*, 2020). Nesse sentido, a *Laudato Si'* provocou uma explosão de ideias e debates no centro da igreja sobre temas até mesmo proibidos como a ordenação de homens casados e o diaconato feminino. Haveria também que mapear a recepção dessa Encíclica por parte de intelectuais, lideranças políticas e militâncias ecológicas pelo planeta afora.

Nesse intercuro, a situação política mundial desenhou concretamente novas tendências e configurações que testemunharam o franco retrocesso de posturas que se encontravam em curso (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018), modelos e governos pautados em ideologias do passado que dispensaram em poucos golpes

valores políticos e éticos que fundaram as sociedades modernas: as relações bilaterais, em nome de soberanismos nacionais, os direitos humanos e sociais, em nome de privilégios econômicos e de superioridade moral de alguns indivíduos, o estado de direito, em nome de poderes fortes e personalizados, o estado laico, em nome de um fundamento religioso, as ciências modernas, em nome de discursos negacionistas de cunho político-religioso. A democracia liberal mostrou seus limites (CASTELLS, 2018) dentro das condições de vida e da regularidade política moderna emergiu o fantasma adormecido da intolerância e dos fechamentos para os outros.

O Papa Francisco não esteve fora desse processo. Seus posicionamentos marcaram presença na contra mão dos retrocessos políticos, afirmando a necessidade urgente de acolhida dos migrantes e refugiados, condenando a construção dos muros, defendendo e praticando o princípio da bilateralidade entre as nações, insistindo na dignidade e nos direitos dos excluídos, buscando diálogo com os povos árabes e com os islâmicos, considerados por muitos o grande inimigo do ocidente, Francisco foi, sem dúvidas, o antagonista da ultradireita emergente e considerado por seus defensores um grande inimigo a ser enfrentado (PASSOS, 2020).

O caminho do diálogo foi adotado por Francisco como método de trabalho pastoral e diplomático, sem as tradicionais ponderações políticas e sem entraves doutrinários. Contra os discursos de fechamento e intolerância defendeu e praticou o diálogo como valor evangélico-político. Francisco saiu em direção ao outro rompendo com protocolos, com preconceitos e com doutrinas consolidadas. O conjunto de pronunciamentos feitos sobre as relações fraternas entre os povos e nações foram agora resgatados e sistematizados na Encíclica (FT 5).

O objeto da Encíclica é um desfecho natural que acolhe os desafios políticos lançados pela *Laudato si'* e reúne de modo sistemático os ensinamentos teóricos e práticos de Francisco a respeito das relações sociais e políticas de cada cidadão e das nações entre si. Todos irmãos na casa comum.

4. Os avanços da *Fratelli tutti*

Se Francisco inaugura uma nova fase na DSI, o que acrescentaria com seus ensinamentos nesse novo texto? Os elementos contextuais dos quais ocupa o Papa fornecem as interrogações que, por si mesmas, acrescentam novos elementos ao edifício histórico da doutrina e provoca novas reflexões e orientações. A sensibilidade para com a realidade renova a doutrina social, como também outras doutrinas. Portanto, se, por um lado, trata-se daquilo que define a própria dinâmica dos ensinamentos sociais que vão se renovando no tempo e no espaço (CDSI, 85), por outro, indica o modo como Francisco acolhe e discerne esses fatos inéditos da história. A circularidade entre tradição e realidade presente e entre os dados contextuais e o sistema teológico franciscano oferecem a base metodológica desses elementos renovadores que dão continuidade aos documentos anteriores. A fraternidade e a amizade social devem ir além dos meros discursos e das formalidades legais e assumir formas concretas que rompam com as fronteiras. A Encíclica avança em muitos aspectos o pensamento político do magistério ordinário a igreja. Sem esgotar esses avanços, podem-se enumerar três pontos que saltam aos olhos em uma primeira aproximação do texto:

4.1 A crítica da realidade política atual como retrocesso de conquistas históricas

A crítica política é o objeto central da Encíclica. A fraternidade é o valor a ser resgatado. O capítulo I oferece uma radiografia precisa da política mundial atual, decorrente do império do capital que se impôs no planeta dissolvendo o passado, os valores comuns e as utopias coletivas e, até mesmo, os direitos constituídos. Francisco constata que a humanidade tem regredido nos ideais e nas práticas de fraternidade codificada no projeto da civilização moderna. Subjacente às críticas reside a afirmação positiva do que a modernidade prometeu em termos de liberdade, igualdade e fraternidade para os indivíduos e povos. Nesse aspecto, parece ser a mais moderna das Encíclicas sociais, por entender que o projeto original da modernidade precisa ser resgatado para que a

humanidade possa conviver com dignidade no mundo globalizado de iguais e diferentes: “Os sonhos de liberdade, igualdade e fraternidade podem permanecer no nível de meras formalidades, porque não são efetivamente para todos” (FT 219).¹

O retrocesso se mostra na desconstrução dos sonhos e da consciência histórica, na ausência de um projeto comum para a humanidade, na negação dos direitos universais, na cultura do descarte, no progresso sem rumo. A globalização econômica se impõe a partir de uma contradição: a afirmação da abertura das nações ao capital como forma de imposição unilateral das regras econômicas que desfaz as autonomias locais. Esse discurso ideológico avança adotando o medo e a ameaça a tudo o que dele discordar e ridicularizando como fantasioso o que afirmar projetos de igualdade.

A regra permanece aquela do individualismo neoliberal, agora, porém, levada a um patamar político destrutivo para a vida comum da humanidade:

Consequentemente, criam-se novas barreiras de autodefesa, de tal modo que deixa de haver o mundo, para existir apenas o «meu» mundo; e muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável passando a ser apenas «os outros». Reaparece «a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade. (FT 27).

Em suma, o capital globalizado assumiu o comando político e cultural do planeta desmontando os valores que construíram a civilização atual pautada nos direitos iguais, na autonomia e nas relações políticas entre os povos. A globalização é uma “cultura que unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações” (FT 12).

O projeto de fraternidade universal raptado pela cultura global do lucro e do consumismo não pode render-se a esse imperativo, mas, precisa ser reafirmado por todos como valor fundamental da vida e da convivência humana.

¹ Dentre os críticos da modernidade, o sociólogo francês Alain Touraine defende precisamente essa urgência de um resgate do projeto da modernidade nos tempos de globalização. (Cf. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*, p. 189-343).

Não se trata de um ideal do passado desfeito pelos modos de produzir, viver e pensar atuais, mas de um ideal a ser sustentado no presente de forma que:

[...] cada geração deve fazer suas lutas e as conquistas das gerações anteriores e levá-las a metas ainda mais altas. É o caminho. O bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam duma vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia. Não é possível contentar-se com o que já se obteve no passado nem instalar-se a gozá-lo como se esta situação nos levasse a ignorar que muitos dos nossos irmãos ainda sofrem situações de injustiça que nos interpelam a todos. (FT 11).

4.2 A necessidade de uma gestão planetária

Como já foi mencionado, a constatação das interrogações e dos dramas ecoados da situação atual da casa comum exige uma gestão planetária: a vida planetarizada sob todos os aspectos exige uma governança igualmente planetária. Assim constatava a *Laudato si'*:

A interdependência obriga-nos a pensar num mundo, num único projeto comum. Mas, a mesma inteligência que foi utilizada para um enorme desenvolvimento tecnológico não consegue encontrar formas eficazes de gestão para resolver as graves dificuldades ambientais e sociais. (FT 164).

Nessa perspectiva, a *Fratelli tutti* brota como proposta decorrente da Encíclica *Laudato si'*. A fraternidade universal abalada em seus alicerces pelo regime tecnocrático centrado no lucro global do capital improdutivo e no individualismo consumista desconsideram a vida comum da terra. A fraternidade universal constitui o único caminho de saída nessa conjuntura limite. Francisco oferece a temática da fraternidade em sua radicalidade cristã e na sua concreticidade histórica como parâmetro para se pensar as relações planetárias. Pode-se falar de um antropocentrismo radical que se coloca como valor de modo inseparável do ecológico e do teológico, o que já se mostrava como parâmetro na *Laudato Si'* (FT 119-121). A Encíclica articula e sintetiza fontes historicamente separadas (LILLA, 207) da filosofia política moderna (expressa no projeto político da modernidade) e da tradição cristã (contidos nos ensinamentos evangélicos). O amor é uma virtude cristã vinculante que se traduz necessariamente em atitudes políticas concretas. Embora afirme que as páginas não pretendam “resumir a doutrina sobre o amor fraterno”, mas deter-se precisamente, “na sua dimensão universal, na sua abertura a todos” (FT 5), o

termo ocorre mais de 80 vezes no conjunto do texto. O amor é de fato o eixo que perpassa toda a reflexão e se desdobra em suas consequências sociais e políticas nas esferas intersubjetivas, eclesiais, nacionais e internacionais.

4.2.1 As dimensões teológica e política do amor

O sentido teológico do amor, diz respeito à sua relação com Deus. Não se trata, no caso, de uma mera decorrência ética, mas de uma realidade que define a própria divindade cristã e que, desde o judaísmo, já mostrava como dinamismo de abertura sem limites para além dos grupos de relações imediatas (FT 59) O próximo assumido como todos os humanos será a marca do cristianismo. Deus é amor e quem ama permanece Nele (1Jo 4,16). A parábola do bom samaritano encena a verdade cristã sobre a dimensão ilimitada do outro. O próximo é quem socorre gratuitamente o estrangeiro, desconhecido e malvisto que está ferido e fora da estrada. No capítulo II tira-se as consequências do ensinamento da parábola:

[...] revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído «nas margens da vida». Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade. (FT 68).

O texto vai construindo as traduções antropológicas, sociais e políticas da virtude do amor cristão; a postura universal e concreta do ato de amar é uma exigência para o cristão em todo tempo e lugar. A conclusão teológica:

Para os cristãos, as palavras de Jesus têm ainda outra dimensão, transcendente. Implicam reconhecer o próprio Cristo em cada irmão abandonado ou excluído (cf. Mt 25, 40.45). Na realidade, a fé cumula de motivações inauditas o reconhecimento do outro, pois quem acredita pode chegar a reconhecer que Deus ama cada ser humano com um amor infinito e que «assim lhe confere uma dignidade infinita». (FT 85).

O sentido político do amor não é mais que uma dimensão de seu sentido teológico, um dinamismo de abertura que conduz para o outro: “... o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal” (FT 95), exige superação dos isolamentos. “Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se” (FT 95). E significa uma abertura ilimitada:

Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. (FT 95).

A superação dos isolamentos não um mero espírito cosmopolita, mas diz respeito a posturas concretas que hoje exige mudança de posturas políticas em relação ao outro estranho e estrangeiro. “Há narcisismos bairristas que não expressam um amor sadio pelo próprio povo e a sua cultura” (FT 146). Essa postura se constrói sobre o medo e a rejeição do outro e cria “muralhas defensivas” para se salvaguarda. Contudo “não é possível ser saudavelmente local sem uma sincera e cordial abertura ao universal, sem se deixar interpelar pelo que acontece noutras partes, sem se deixar enriquecer por outras culturas” (FT 146).

O capítulo V discorre sobre a “Política melhor” que visa construir o bem comum (FT 154-197) e expõe essa dimensão necessária do amor. A caridade unifica o “mítico e o institucional”, ou seja, a dimensão de valor aderido pela fé com a transformação social. “O amor ao próximo é realista, e não desperdiça nada que seja necessário para uma transformação da história que beneficie os últimos” (FT 164). Na sequência, são expostas a dimensão histórica concreta do amor com os temas ou conceitos de “caridade social e política” (FT 176), “amor político” (FT 180) e “amor social” (FT 183), bem como as decorrências dessas definições: “amor eficaz” (FT 183), “atividade do amor político” (FT 186) “sacrifícios do amor” (FT 187) e “amor que integra e reúne” (FT 190).

4.2.2 As esferas de expansão do amor político

O amor é um dinamismo que se expande para além do eu individual; um movimento que supera os narcisismos a avança até a esfera mais distante do outro desconhecido e necessitado. A caridade política “supõe ter maturado um sentido social que supere toda a mentalidade individualista (FT 182). Portanto, “com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos” (FT 183).

As esferas de expansão e atuação do amor políticos superam todos os fechamentos localizados e busca formas de organização concretas. Os narcisismos bairristas (FT 146) não que ser superados na busca de patamares mais amplos de convivência que atinjam, de fato, a dimensão universal. O termo universal ocorre 51 vezes no documento, e a palavra global (globalizado e globalização) 29 vezes. “A caridade social leva-nos a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente, mas também na dimensão social que as une” (FT 182), o amor social torna possível avançar para uma “civilização do amor a que todos nós podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo” (FT 183).

O amor político universal não é simplesmente uma ideia universal à maneira grega, mas concreção política que faz encontra no mesmo ato concreto o universal que inclui a todos na mesma humanidade e a organização planetária que inclui todos os povos na mesma condição comum e no mesmo destino. É nesse momento que a Encíclica insiste na gestão global como modo de conduzir a vida planetária nesse momento da história humana.

4.2.3 Uma gestão global

O Papa Francisco sustenta a vida planetária como pressuposto fundamental das demais dimensões humanas e como perspectiva das decisões políticas atuais. A carta magna dessa questão foi a Encíclica *Laudato si'*. Se ecologicamente o planeta é uma casa comum que unifica as espécies vivas e, por conseguinte todos os indivíduos e povos em um mesmo sistema, politicamente há que pensar em um todo feito de partes autônomas. Nesse sentido, o planeta não é uma mera soma de partes, mas um todo feito de partes e partes integradas em mesmo todo. A imagem do poliedro é utilizada mais uma vez para designar esse sistema complexo (FT 144, 145, 190 e 215). “O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças” (FT 215).

A noção de multilateralismo² é adotada como regra para as relações internacionais em alternativa ao bilateralismo e, em franco confronto com os isolamentos que crescem pelo planeta afora (FT 27, 30, 146 e 148). Assim situa a noção: “Nesta linha, lembro que é necessária uma reforma «quer da Organização das Nações Unidas quer da arquitetura econômica e financeira internacional, para que seja possível uma real concretização do conceito de família de nações” (FT 173). O multilateralismo é a tradução política de uma compreensão de vida comum planetária gestada com a finalidade do “cuidado dum bem comum realmente universal e a tutela dos Estados mais vulneráveis” (FT 174).

5. O diálogo inter-religioso como caminho de construção da fraternidade

O diálogo ocupa lugar central na reflexão. O capítulo VI é todo dedicado ao assunto. “Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo «dialogar” (FT 198). Mas, o lugar reservado às religiões nessa tarefa é especial e constitui um avanço em relação aos ensinamentos sociais. As religiões têm um papel fundamental na construção da convivência mundial. Embora o texto não faça referência, é impossível não lembrar da insistente tese de Hans Küng: não haverá paz mundial sem diálogo entres as religiões (KÜNG, 2003). De modo inédito Francisco chama como interlocutor direto de seus ensinamentos o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb com quem elaborou o Documento sobre a fraternidade humana. (FRANCISCO; AL-TAYYEB, 2019, p. 21). O ato de Francisco de Assis de ir ao encontro do Sultão Malik-al-Kamil, no Egito, no ano de 1219 é reencenado agora por um Papa e numa conjuntura ocidental não menos hostil ao islamismo. O gesto inédito é escândalo para os tradicionalistas e loucura para os neoliberais; chega a ser heterodoxo para os ortodoxos de plantão. A religião pode e deve ser um caminho de superação das fronteiras e de construção do bem comum e da convivência pacífica. O enredo da abertura para o outro e do diálogo que tece a reflexão do ponto de vista da arquitetura lógica tem uma ancoragem primeira: a

² Embora não utilize o termo, é a postura afirmada pela *Gaudium et spes* (83-86) e pelos Papas que gravitam nesse epicentro e confirmada pelo *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (441). O Discurso de Francisco nas Nações Unidas em 29 de setembro de 2020 explicita o conceito como estratégia de relacionamento a ser adotada pelas nações. Sobre as decorrências políticas dessa noção vale conferir as reflexões de FAGGIOLI em IHU de 12 de fevereiro de 2020.

postura concreta do diálogo, o testemunho que convence enquanto gesto. Francisco mostra que o ensino social cristão se faz por meio de saídas na direção das periferias econômicas, políticas e religiosas; se faz de fora para dentro e não o contrário. A Encíclica pratica o diálogo, antes de ensiná-lo como caminho para a fraternidade.

No capítulo II já havia indicado na metáfora teológica do Bom Samaritano que o próximo é o estranho, que a fraternidade se faz no encontro com o rejeitado e jogado fora do caminho. O processo do diálogo começa das bordas e não do mesmo que aprisiona os semelhantes na satisfação mútua do jogo de espelhos.

Ao tratar do diálogo oferece elementos basilares de uma teologia do diálogo que afirma:

- a) o valor do outro enquanto outro (FT 134);
- b) direito a diferença (FT 218);
- c) a positividade da diferença como composição do poliedro das culturas (FT 145);
- d) a riqueza das identidades em diálogo (FT 143);
- e) a gratuidade da troca como virtude que imita a gratuidade divina (FT 140),
- f) a riqueza das trocas interculturais que enriquecem as identidades particulares.

Essas passagens revelam em suas bases, uma teologia da alteridade que ensina que no projeto de Deus existe, antes de tudo, a diferença e não a unidade cultural da espécie humana. Os filhos do mesmo Pai são diferentes e compõem com suas identidades o conjunto da mesma família humana. A tarefa do diálogo na construção da vida comum não nega, mas inclui as diferenças.

O ponto de partida do diálogo social é o distante e o diferente. O diálogo é tarefa permanente, “se se trata de recomeçar, sempre há de ser a partir dos últimos” (FT 235). O texto da Encíclica é finalizado com um ensinamento emblemático sobre o diálogo com a religião diferente dos infiéis e inimigos:

O seu ideal duma entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto, afloravam os seus desejos de sentir todo o ser humano como um irmão, e pedia a um amigo: «Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos». Enfim queria ser «o irmão universal». Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos. Que Deus inspire este ideal a cada um de nós. Amém! (FT 287).

Esse parágrafo final fornece a chave geral do capítulo, senão de todo o Documento. Francisco prioriza o diálogo inter-religioso em relação ao ecumenismo, o encontro concreto em relação à crença. Aqui novamente se articulam de modo indissociável uma teologia do outro e uma política do outro: o amor religioso (cristão) não constrói identidade fechada, mas lança o crente para uma abertura que se concretiza na alteridade, quando o estranho é assumido como irmão. A opção rompe com os bloqueios que separam o oriente e o ocidente e criam blocos geopolíticos opostos. O interlocutor islâmico é evocado 5 vezes durante as reflexões e confirma ser um irmão do bispo de Roma, mas também um símbolo do mais distante, chamado a ser companheiro da amizade social almejada para o planeta.

O conjunto dos ensinamentos sobre o lugar imprescindível do diálogo inter-religioso a construção da convivência planetária comum apresenta uma chave nova para a DSI, mas lança também as raízes de uma afirmação inédita no magistério papal com respeito à teologia das religiões: a passagem de uma postura inclusivista³ para uma postura de diálogo com o outro sempre outro (KNITTER, 2008). A teologia social que dá dignidade plena ao outro e o torna ponto de partida do autêntico encontro, do verdadeiro diálogo e da construção política justa abre a porta para uma teologia da cultura e da religião que acolhe a pluralidade religiosa como valor em si mesmo. O outro religioso é um valor em si mesmo não por ser semelhante ao cristianismo, mas por ser portador de uma diferença que é sagrada por ser criada por Deus, diferença que deve ser respeitada, promovida e assumida em uma relação de diálogo construtivo em prol da vida e da convivência humana. *O Documento sobre a Fraternidade humana*,

³ Esse modelo ainda persiste no documento de maneira clara quando se replica a declaração *Nostra Aetate 2* no número 177.

assumido como referência dessas reflexões, já havia afirmado de forma inovadora para católicos e islâmicos que:

O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos. Esta Sabedoria divina é a origem donde deriva o direito à liberdade de credo e à liberdade de ser diferente. Deus é o autor das diferenças! (FRANCISCO; AL-TAYYEB, 2019).

Considerações finais

A nova Encíclica oferece um desfecho natural das posturas e ensinamentos de Francisco, na linha das reformas por ele empreitadas. Dá continuidade de forma radical à vocação atualizadora da doutrina social, oferece uma proposta de gestão planetária decorrente da *Laudato si'*, faz convergir no texto – agora magistério - pronunciamentos anteriores de sua lavra. A Encíclica é renovadora tanto quanto o autor e expressa, mais uma vez, suas leituras críticas do regime econômico atual, desde uma perspectiva do sul mundo. Trata-se de um documento de enfoque sociopolítico que oferece uma teologia do político pautada no amor e na justiça, tendo como interlocução direta a realidade mundial atual e como fonte os valores evangélicos e os valores da própria modernidade.

O texto detalha os fundamentos e as estratégias para uma gestão política planetária pautada no princípio do multilateralismo. A linguagem franca e direta rompe com qualquer precaução diplomática que costuma rondar textos eclesiais e provocar uma linguagem abstrata e indireta, em detrimento da crítica e do anúncio profético sobre as questões urgentes. O recado é claro: há uma urgente necessidade de mudança de rota na convivência humana globalizada e de buscas de novos parâmetros de gestão global. A interlocução direta com um líder de confissão islâmica encena a verdade afirmada no conjunto e nas partes do Documento: o diálogo a partir dos que estão de fora das rotas regulares de convivência e a construção necessária de consensos globais. Essa interlocução ousada do ponto de vista político e inédita do ponto de vista religioso abre uma nova fase para o diálogo inter-religioso. As decorrências teológicas dessa postura ainda serão, por certo, refletidas de agora em diante, assumindo como pressuposto que Deus é o criador das diferenças.

A Encíclica articula os dados da fé com os dados da realidade de modo orgânico e instigante. Uma teologia do outro, centrada no amor universal, e as urgências atuais do mundo globalizado tecem todo o documento e conduzem para os desafios/diretrizes práticas (capítulos IV a VIII). O diálogo atravessa o texto como princípio, método e meta das relações humanas planetarizadas a serem permanentemente construídas. As fontes cristãs são oferecidas mais uma vez como referência ética para a construção de um mundo justo e fraterno:

Outros bebem doutras fontes. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, «para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos» (FT 277).

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- FAGGIOLI, Massimo. A importância da diplomacia papal. **IHU**, São Leopoldo, 12 fev. 2020.
- FRANCESCO, Papa. **Fratelli tutti: Lettera Enciclica sulla fraternità e l'amicizia sociale**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação pós-sinodal Querida Amazônia**. São Paulo: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2015.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii gaudium 'A alegria do Evangelho' do papa Francisco ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual** (EG). São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa; AL-TAYYEB, Ahmad. **Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum**. Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019. *In*: Roma. **L'Osservatore Romano**. Ed. semanal portuguesa de 05/II/2019.
- III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Conclusões de Puebla**. São Paulo: Loyola, 1982.
- JOÃO PAULO II. **Encíclica Sollicitudo rei socialis**. São Paulo: Paulinas, 1988.

KNITTER, Paul F. **Introdução à teologia das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LILLA, Mark. **A grande separação: religião, política e o ocidente moderno**. Lisboa Gradiva, 2007.

PASSOS, J. Décio. **A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões**. São Paulo: Paulinas, 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja** (CDSI). São Paulo: Paulinas, 2005.

SCANNONE, Juan Carlo. **A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2019.

SORGE, Bartolomeo. **Breve curso de doutrinas social**. São Paulo: Paulinas, 2018.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1999.